
A produção noticiosa do portal TNH1 e da Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas sobre pandemia da covid-19 em análise¹

Luiz Marcelo Robalinho FERRAZ²
Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL

RESUMO

Este artigo analisa a produção sobre a pandemia da covid-19 no estado alagoano nos sites do portal TNH1 e da Secretaria de Saúde de Alagoas. Das duas instituições, investigamos 1.035 textos, sendo 509 do portal de notícias e 526 do órgão governamental, produzidos de março de 2020 a maio de 2022. A ideia foi identificar as diferentes temporalidades da produção nessas duas esferas institucionais, bem como os principais eixos de abordagem envolvendo a doença. Com as devidas diferenças nos tipos de narrativas elaboradas, os dois órgãos apresentaram uma característica semelhante de enfatizar nos seus relatos a evolução da doença, a vacinação, o atendimento, as ações do governo e as medidas de proteção como enfoques principais.

PALAVRAS-CHAVE: covid-19; jornalismo; pandemia; Secretaria de Saúde; TNH1.

INTRODUÇÃO

Em 2020, o mundo vivenciou a pandemia de uma nova doença, a covid-19. Inicialmente identificada como uma pneumonia desconhecida em Wuhan (China), acometeu milhares de pessoas em outras províncias chinesas, disseminando-se, num curto espaço de tempo, para o resto do mundo. A velocidade de propagação do vírus causador (o SARS-CoV-2), o impacto nos sistemas de saúde com internamentos, superlotação nas UTIs e mortes, impôs práticas sanitárias – como o isolamento, o distanciamento social, a quarentena e o bloqueio total – modificando rotinas e hábitos ao redor do planeta.

Foram 71 dias, desde o primeiro alerta emitido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 31 de dezembro de 2019, até a declaração de pandemia, em 11 de março de 2020. Na ocasião, havia 118 mil casos em 114 países e 4.291 mortes. Pouco mais de dois anos e quatro meses depois, o total de casos confirmados ultrapassa os 566 milhões em todos os continentes com mais de 6,3 milhões de óbitos. Quanto às doses

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Adjunto do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte da Universidade Federal de Alagoas (Ichca-UFAL), doutor em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ), com estágio doutoral no Centre d'Analyse du Discours/Université Paris XIII, e-mail: marcelo.robalinho@ichca.ufal.br.

administradas ao redor do globo, foram registradas 11,8 bilhões de aplicações. Aqui, o Brasil já passa da marca dos 33 milhões de casos, das 675 mil mortes e 461 milhões de doses da vacina aplicadas (JONHS HOPKINS UNIVERSITY, 2022). Em Alagoas, o estado contabiliza mais de 315 mil casos e 7 mil mortes (ALAGOAS, 2022)³.

Considerando o impacto da pandemia no planeta, a produção de informações e notícias acompanhou a intensidade e magnitude da escalada da propagação do vírus, especialmente na fase inicial de descoberta da doença. Para ter uma pequena ideia do volume produzido pela imprensa brasileira, nos primeiros cinco meses da epidemia no país, o jornal paulista Folha de S.Paulo publicou no seu site 13.404 textos jornalísticos sobre a Covid-19. Nos jornais impressos, a exemplo do francês Le Monde e dos brasileiros Folha S.Paulo (SP), Jornal do Commercio (PE) e Gazeta de Alagoas (AL), a pandemia esteve presente em todas as editorias, de política a nacional, passando por economia, esportes e cultura no mesmo período.

No sistema de buscas do Google, o termo “covid-19” gerou 15 bilhões de resultados no dia 20 de julho de 2022, segundo levantamento feito por nós para este artigo. Cerca de um ano antes, em 12 de agosto de 2021, o quantitativo de resultados era de 4,3 bilhões de resultados. Notícias e informações sobre essa síndrome respiratória aguda grave circulando não faltam. Considerando o impacto global da doença, o sistema midiático vivenciou um estado de saturação informativa sobre o novo coronavírus, devido à atenção especial ao tema dedicada pelos veículos de comunicação, levando, muitas vezes, a cobertura noticiosa à exaustão (FERRAZ, 2020).

Esse cenário de instabilidade é determinado pelo contexto de tragédia e drama que marca a pandemia, o que fizeram da imprevisibilidade, do impacto, da tragédia, da proximidade e da surpresa alguns dos principais valores-notícia importantes para a divulgação de um acontecimento sanitário dessa natureza (SILVA, 2014). O fenômeno é agravado pelo contexto atual em que proliferaram *fake news* nas redes sociais, cenário que impõe como principal desafio saber distinguir e ponderar em relação ao que circula, além dos impactos causados na área da saúde pela desinformação e a infodemia que assola o mundo com a disseminação de notícias falsas.

Pensando nisso, este artigo tem o propósito de examinar a cobertura da imprensa sobre o novo coronavírus em Alagoas entre os meses de março de 2020 e maio de 2022

³ Os dados sobre casos confirmados e óbitos provocados pela covid-19 no mundo, no Brasil e em Alagoas foram coletados no dia 20 de julho de 2022, data de submissão deste artigo.

na correlação com a comunicação governamental do estado no mesmo período. A ideia é identificar as diferentes temporalidades da produção noticiosa nessas duas esferas institucionais, bem como os principais eixos de abordagem envolvendo a doença. A problemática que circunscreve o nosso objeto de estudo – a produção da notícia e suas relações com a comunicação governamental no contexto de uma pandemia – insere-se numa perspectiva sociocultural, que, por sua vez, também estrutura as práticas ligadas à produção, circulação e apropriação dos sentidos sobre o novo coronavírus.

Diz Le Goff (1997, p. 8) que “a doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às instituições, às representações, às mentalidades”. Saberes e representações que também passam pela produção noticiosa dos meios de comunicação, considerando o seu papel, sobretudo no período de isolamento social da pandemia da covid-19, que provocaram uma maior procura por informações confiáveis sobre o assunto.

Nos Estados Unidos, no começo da pandemia, pesquisa revelou um aumento de 32% no percentual de cidadãos norte-americanos que consumiram notícias, chegando a 92% de cidadãos consumidores ativos de notícias (CASERO-RIPOLLÉS, 2021). No Brasil, na mesma época, pesquisa do Datafolha revelou que 61% dos brasileiros entrevistados afirmaram os programas jornalísticos serem os mais confiáveis, 56% apontaram os jornais impressos, 50% disseram ser os programas de rádio e 38% os sites de notícias (ALMEIDA; COSTA; MONTENEGRO, 2020).

A DOENÇA NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

A divulgação de informações sobre doenças costuma ter forte apelo, devido ao risco que elas representam para a vida das pessoas. Isso se exacerba nas epidemias e nas pandemias, sobretudo. Como acontecimentos singulares no ambiente social e dentro do universo discursivo (FOUCAULT, 2006; 2007), os eventos epidêmicos se inserem no contexto das calamidades públicas, sobretudo quando se tratam de doenças infectocontagiosas, ou transmissíveis. Algo que já era comum desde o início do século XX, quando esse tipo de doença provocava mais óbitos.

A pandemia de gripe espanhola, que matou 22 milhões de pessoas no mundo entre 1918 e 1919 e modificou a rotina das cidades (BERTUCCI, 2004), já atraía a atenção da imprensa, pelos severos impactos provocados pela infecção naquele início do século

XX. Desde os anos 80, o apelo midiático das moléstias readquiriu nova importância, com o aparecimento das doenças como o HIV/aids e a dengue. Em 2009, a gripe A (H1N1) converteu-se na potencial ameaça sanitária do século XXI, trazendo de volta a memória da gripe espanhola, da gripe asiática e da gripe aviária no noticiário. Foi encarada como uma doença de grandes proporções, com o anúncio da pandemia pela OMS, e transformou-se em um acontecimento jornalístico, sendo os enunciados produzidos determinantes para a midiaticização dessa gripe.

No começo do século XXI, saúde já ocupava a segunda colocação na relação de assuntos de interesse dos leitores de jornais norte-americanos ao lado de outros, tais como alimentação, habitação, turismo e moda, aponta Tabakman (2013). Considerando o aumento mundial de interesse sobre o assunto, a repórter argentina especializada em jornalismo científico identificou um destaque também no Brasil e na Espanha. Para ela, a saúde atrai a atenção do público porque vende mais.

Nas mídias, o acontecimento sempre é construído nos textos produzidos, pois o sentido nunca é dado antecipadamente, e sim determinado pelas escolhas e as estratégias adotadas. Segundo Charaudeau (2006), o sentido do discurso se dá por meio de um duplo mecanismo: a) de *transformação*, que consiste em dar significação ao mundo (nomear, qualificar, narrar e argumentar) e b) de *transação*, que tem por finalidade dar significação ao ato da linguagem (identidade do outro, efeito sobre esse outro e relação que se pretende instaurar e regulação de todos os parâmetros anteriores).

O processo de transação, diz o linguista francês, é que comanda o processo de transformação, já que o homem fala “para se colocar em relação com o outro porque disso depende a própria existência, visto que a consciência de si passa pela tomada de consciência da existência do outro, pela assimilação do outro e ao mesmo tempo pela diferenciação com relação ao outro” (CHARAUDEAU, 2006, p. 42). Bastante explorada pela mídia, a ideia de causalidade é importante para a compreensão que temos sobre as doenças, as infectocontagiosas em especial. Ela dita a experiência de adoecimento, determinando a origem da enfermidade a vírus e bactérias, por exemplo. Nas doenças não transmissíveis, a causalidade se une ao fator de risco para indicar as chances de um indivíduo vir a adoecer, sobretudo através dos discursos jornalísticos, que disseminam em larga escala ideia(s) de saúde e doença para a população.

Termo caro ao pensamento científico, a causalidade integra o conjunto das bases epistemológicas da epidemiologia, sendo útil na construção dos procedimentos de

mensuração de saúde das populações. É um princípio que valoriza a evidência do método. Para explicar a ocorrência das doenças ou de outros eventos ligados à saúde, a categoria de causalidade contribui para pensar e calcular as estimativas com o apoio da estatística. No jornalismo, a ideia de causalidade também é observada na produção das notícias, só que num contexto diferente. No contrato de comunicação midiático, o processo de transformação pelo qual passa o acontecimento o insere em uma lógica causal a fim de poder ser organizado e interpretado.

Acontecimentos sanitários, a exemplo da pandemia da covid-19, passam por um processo de construção semântica em que são articulados outros elementos na narrativa jornalística, como as razões, os responsáveis, as implicações do fato na vida social e os possíveis desdobramentos. Nas pandemias e epidemias, o contexto de imprevisibilidade que as caracteriza também representa, em termos jornalísticos, um atributo importante para a noticiabilidade de um acontecimento dessa natureza. Ambas carregam uma forte carga simbólica, remetendo à desordem causada pelo caráter acidental da doença em larga escala na população mundial, provocando mortes e afetando a rotina dos lugares.

A partir do momento em que se enfatiza o ‘fantasma’ do perigo e do descontrole que uma doença simboliza no espaço geográfico e no dia a dia das pessoas, as pandemias e as epidemias tornam-se notícia também pelo peso social (atinge a população em geral), pela quantidade de envolvidos (mortos, infectados e potenciais doentes), pela proximidade geográfica (evento sanitário planetário e relação com território noticiado) e pela atualidade (evento do momento), levando-se em conta outros critérios de noticiabilidade (SILVA, 2014).

Na covid-19, assim como na gripe A (H1N1), a imprensa noticiou mais do que outras doenças pela novidade do assunto na sociedade e na pauta jornalística, a partir do registro da pandemia. Em geral, eventos epidêmicos atraem a atenção pelo impacto sobre a sociedade e o risco de morte, aspectos comumente valorizados nas primeiras páginas. Com a covid-19, a produção jornalística apresentou um crescimento muito acima do normal. A ocorrência, pela primeira vez, de uma quarentena de proporções globais foi um fator decisivo para diferenciar o noticiário sobre essa síndrome respiratória (FERRAZ, 2021).

Uma das chaves para se pensar nessa superexposição do novo coronavírus na imprensa, especialmente na fase inicial da descoberta e disseminação do vírus ao redor do planeta, foi a percepção do tempo histórico. Ao analisar essa noção em epidemias e

pandemias, Barbosa (2020, [on-line]) afirma que elas costumam abalar a chamada “ordem dos tempos”, alterando a relação do sujeito com a experiência do tempo e despertando medos e expectativas em relação ao futuro.

Se na Antiguidade o passado era o exemplo, na Modernidade o futuro se descortinava como um cenário promissor em razão dos avanços proporcionados pela evolução científica e técnica. O passado era ruína e o futuro uma aposta. Com a pandemia de Gripe Espanhola no século XX, a Crise de 1929 e as duas Guerras Mundiais, um novo regime de historicidade se delineia a partir de duas certezas socialmente vividas: o futuro se tornava mais uma ameaça do que promessa, e esperá-lo não era mais uma opção; era preciso antecipá-lo.

Essa preocupação profilática com o futuro também pôde ser observada com a covid-19, pelos riscos e ameaças que a doença ainda representa no contexto de pandemia. As medidas de planejamento sanitário antecipadas, pauta constante das produções jornalísticas, seriam consideradas índices da preocupação profilática com o porvir. Uma forma de os veículos da imprensa darem sentido ao presente nos relatos abordando as ações de governos, organismos de saúde e instituições de pesquisa no combate à infecção. Narrativas que, de algum modo, também reforçam a antecipação do futuro, por meio da circulação de informações a respeito da infecção, na busca de certo controle sobre o mundo que se conhece e se descortina sob a alcunha do “novo normal”.

Nesta pandemia, notícias locais e internacionais, casos e mortes confirmados, comunicados gerais dos governos, atualizações epidemiológicas e intervenções sociais foram apontados pela Organização Pan-americana de Saúde (Opas) como alguns dos principais tipos de informações por que as pessoas buscaram (PAHO, 2020). Informações essas que contribuíram jornalisticamente na compreensão do tempo durante a pandemia. Em emergências de saúde pública, saber os riscos sanitários e as medidas a serem adotadas no seu devido tempo é muito importante, sendo a informação matéria-prima fundamental, afirma a Organização Mundial de Saúde (2018, p. ix):

Uma informação rigorosa fornecida em devido tempo, com frequência e nas línguas e canais que as pessoas possam entender, confiar e usar, permite-lhes fazerem escolhas e tomar medidas para se protegerem a si próprias, às suas famílias e às comunidades contra os perigos e as ameaças à sua saúde.

De acordo com a agência internacional, emergências sanitárias recentes, como no surto do vírus Ebola na África e na síndrome do vírus Zika no Brasil, evidenciaram desafios e problemas de como comunicar os riscos em epidemias, entre eles a utilização dos meios digitais e tradicionais (jornais, rádios e televisões) na busca pela confiança da

informação sanitária que está sendo disseminada para a população envolvida. A comunicação sobre os riscos, que inclui o trabalho de divulgação, é uma das quatro estratégias na gestão dos riscos, considerando a importância da participação pública no controle dos riscos (SPINK, 2020).

No âmbito da comunicação governamental, a divulgação de informações faz parte das rotinas de comunicação social de governos, através das assessorias de comunicação/impressão, um trabalho que envolve a relação do executivo com a sociedade. Na covid-19, a Organização Mundial de Saúde determinou a mobilização da sociedade como uma das cinco estratégias para o controle da pandemia, de modo a assegurar que as pessoas participem da resposta e da prevenção de casos (2020). Em situações de incertezas, essa atividade que integra de gestão do risco intenta “dar sentido à epidemia, por meio de uma avalanche de informações que são continuamente revistas e reavaliadas” (SPINK, 2020, p.14), em meio às lacunas de conhecimento existentes.

Sendo assim, a proposta de investigar a produção de notícias de um veículo ligado ao jornalismo digital em paralelo à produção noticiosa de uma secretaria de saúde nos auxiliou a comparar o noticiário da imprensa com a comunicação governamental. A finalidade foi entender os conteúdos e abordagens sobre a covid-19 presentes nas notícias elaboradas por ambas, buscando aprofundar as reflexões sobre a comunicação, numa visada eminentemente interdisciplinar com a saúde.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Compreendendo uma dimensão quanti-qualitativa, o estudo buscou mapear a cobertura jornalística e a comunicação governamental a respeito da covid-19 nos meses de março de 2020 a maio de 2022. A proposta integra o projeto de pesquisa realizado no âmbito da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) entre os anos de 2020 e 2022. Nosso objeto empírico foram o portal de notícias TNH1 e o site da Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas (Sesau-AL). No caso do jornalismo digital, os sites de notícias se encontraram na quarta colocação como mais confiáveis na divulgação de informações sobre a crise do novo coronavírus, segundo pesquisa do instituto Datafolha em 2020.

A escolha do site na nossa pesquisa se deveu à maior facilidade de recuperação dos textos, além de servir de ponto de partida para análises posteriores em outros meios de comunicação, considerando ao acesso cada vez mais fácil da população para o meio digital. Selecionamos o TNH1 por ser um dos principais em atividade na capital

alagoana. Portal de notícias criado em outubro de 2007, o TNH1 afirma ter liderança no mercado, tendo conteúdos com qualidade e credibilidade. “São mais de 13 milhões de exibições de páginas por mês e mais de 50 mil fãs e seguidores nas mídias sociais. São esses números que mostram nossa liderança e alcance do maior e mais completo portal de notícias do estado” (PAJUÇARA SISTEMA DE COMUNICAÇÃO, 2022 [on-line]).

Na esfera governamental, escolhemos o site da Sesau Alagoas (saude.al.gov.br). O intuito foi estudar a comunicação sobre a doença na esfera pública divulgada através da assessoria de comunicação do órgão, que tem como uma das atribuições trabalhar com a informação jornalística preparando comunicados de imprensa (press-releases). Tanto no site do TNH1 quanto no da Sesau-AL utilizamos as palavras-chave “*covid-19*” e “*coronavírus*” nos sistemas de busca a fim de identificar os textos. A busca foi realizada a partir da checagem manual página por página dentro da categoria “Notícias” e/ou através da pesquisa por palavras-chave na área de busca.

Em função do grande volume de textos coletados no período estudado, optamos por selecionar uma amostra estratificada do corpus geral, a fim de examinar um subgrupo de cada um desses dois meses e podermos fazer uma inferência sobre o universo do nosso estudo, refletindo melhor a realidade da população pesquisada (ASSIS; SOUSA; DIAS, 2009; MATTAR, 2001). A intenção foi aprofundar aspectos acerca da produção da notícia nas diferentes temporalidades identificadas na evolução do noticiário em relação à comunicação governamental.

Selecionamos de cada mês estudado os dias de 11 a 17. A opção por esse período se deveu ao fato de a pandemia ter sido declarada no dia 11 de março de 2020. Quisemos recolher uma semana de produção de cada veículo para entender como se comportou o noticiário, tomando como base o dia 11, quando a produção noticiosa sobre a doença apareceu com mais intensidade na internet. Além disso, foi uma forma de poder coletar e manejar com uma amostra numericamente possível de ser avaliada, cientes do grande volume mensal de textos produzidos, sobretudo no ano de 2020.

O RETRATO DA PRODUÇÃO NOTICIOSA SOBRE A COVID-19

Contabilizando as produções jornalísticas da Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas e do TNH1 no período estudado, foram veiculados 1.035 textos, sendo 509 do portal de notícias e 526 do órgão governamental. Com as devidas diferenças nos tipos de narrativas elaboradas, os dois órgãos apresentaram uma característica semelhante de

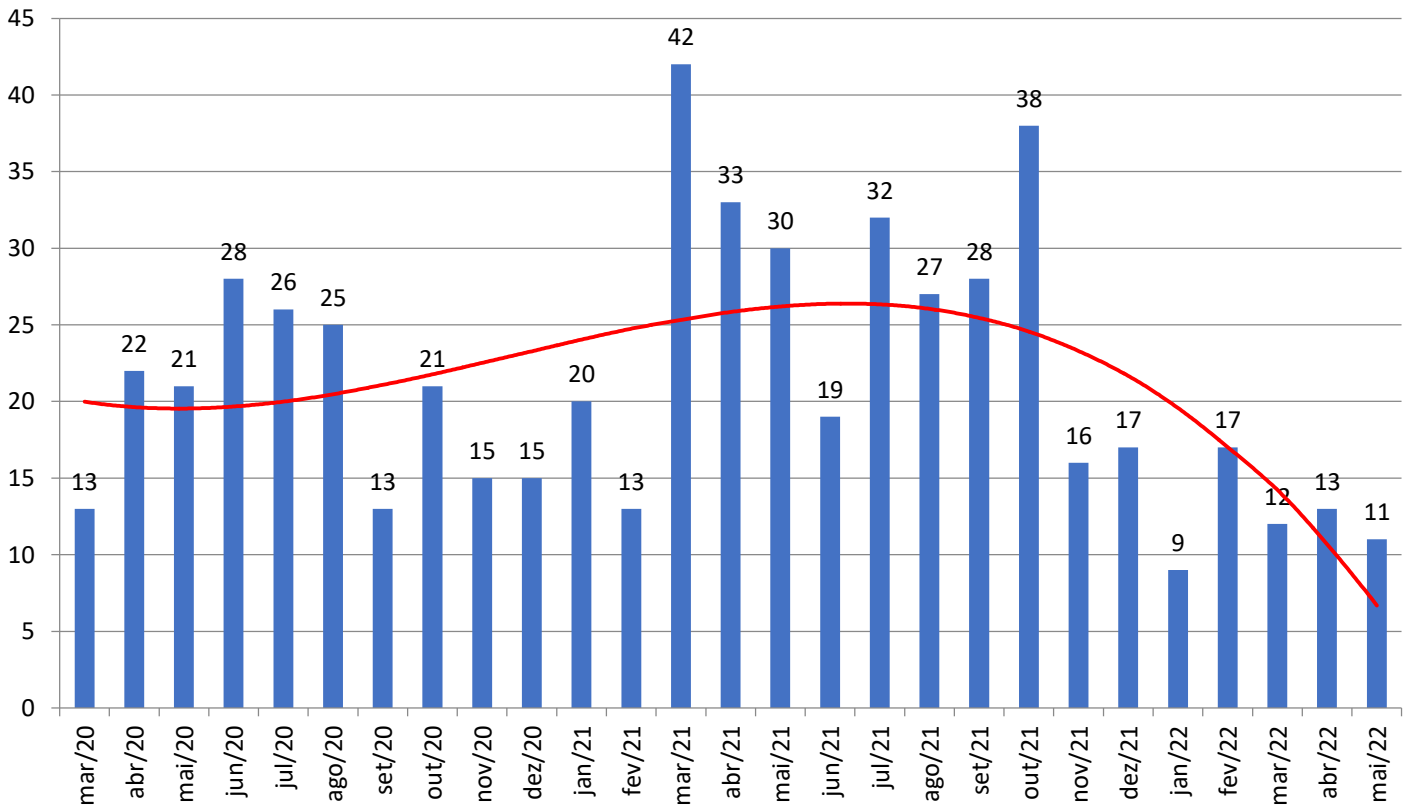
ênfazer nos seus relatos a evolução da doença, as ações do governo, o atendimento e as medidas de proteção como enfoques principais.

No primeiro ano da pandemia, a veiculação de notícias da Sesau Alagoas apresentou uma tendência de relativa estabilidade, considerando, sobretudo os meses de março a fevereiro de 2021. O **Gráfico 1**, na página a seguir, aponta a evolução e as variações ocorridas mês a mês. Foi uma fase em que os casos suspeitos e confirmados, bem como os atendimentos e as ações governamentais para conter o avanço da doença começaram a tomar corpo nas comunicações governamentais.

A título de ilustração, o primeiro caso em Alagoas foi registrado no dia 8 de março de 2020, momento em que o secretário Estadual de Saúde, Alexandre Ayres, buscou tranquilizar a população. Depois desse período, a produção da Sesau começou a apresentar uma ligeira alta, entre março e agosto de 2021. É o momento em que as vacinas começam a chegar no Brasil e a campanha de vacinação inicia. A partir de setembro de 2021 até maio de 2022, houve um declínio das produções, variando entre 38 (out. 21) e 9 (jan. 22). Essa queda gradativa nas produções ocorreu em função de um maior conhecimento da comunidade científica e dos próprios gestores públicos, sobre o vírus SARS-CoV-2 e as formas de controle da doença, assim como o desenrolar da estratégia de imunização no estado, ampliando a cobertura vacinal.

A repetição do tema fez com a covid-19 entrasse na rotina da agenda, não sendo mais novidade, como tinha sido no começo da pandemia. Em relação aos principais enfoques observados nas matérias governamentais, a epidemiologia liderou em primeiro lugar no *ranking*, com 326 textos produzidos (49,5% do total), conforme o **Gráfico 2**. A publicação diária dos boletins epidemiológicos se iniciou a partir de 16 de março, quatro dias depois do primeiro decreto governamental determinando a criação e funcionamento do chamado Gabinete de Crise e cinco dias após a declaração de pandemia.

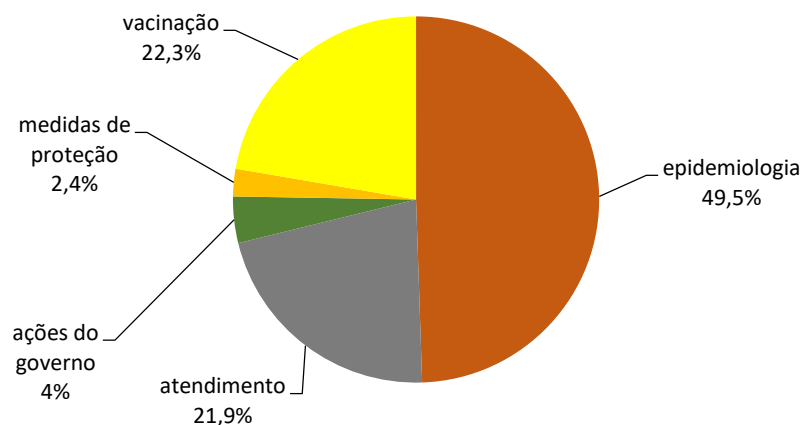
Gráfico 1 – Matérias sobre a covid-19 por mês – Secretaria de Saúde do Estado de Alagoas, mar. 2021-mai. 2022



Fonte: O autor (2022)

A publicação desses boletins ocorria sempre de segunda a sexta. Converteram-se em fonte de referência não só para a Assessoria de Comunicação produzir seus comunicados à imprensa, como também para os veículos midiáticos escreverem notícias abordando os novos números da doença no estado (caso do TNH1), ao associarmos isso à classificação de fontes proposta por Schmitz (2011). Os boletins epidemiológicos foram – e ainda são – documentos referenciais para a redação de conteúdos jornalísticos sobre o novo coronavírus, conferindo sentido à epidemia a nível estadual pelos dados divulgados. Em março, os textos tratavam basicamente dos casos suspeitos e das confirmações. A partir de abril, os óbitos passaram a dividir espaço na divulgação.

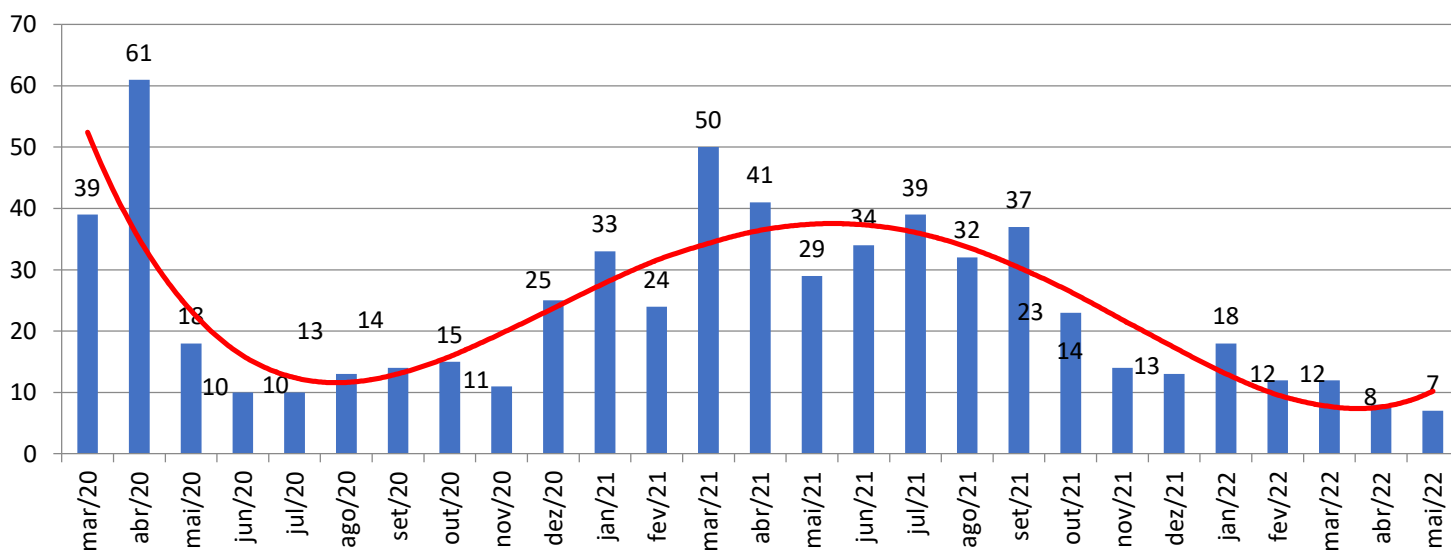
Gráfico 2 – Repartição das cinco principais abordagens sobre a covid-19 nas matérias governamentais (%) – Sesau Alagoas, mar. 2020-mai.2022



Fonte: O autor (2022)

Os textos sobre vacinação apareceram em segundo lugar no período estudado, com 147 ocorrências (22,3%). Em seguida, vieram as matérias sobre atendimentos realizados pelas unidades de saúde, com 143 ocorrências (21,9%). As abordagens variaram basicamente entre os hospitais que passaram a receber pacientes com suspeita da doença, a abertura de leitos na rede estadual e o registro de atendimentos em algumas dessas unidades. Esse tipo de enfoque foi mais relevante entre março e agosto. Depois, produção caiu, por já não apresentar o mesmo apelo de antes para o governo e pela capacidade já instalada na rede. Em quarto lugar no *ranking*, apareceram as ações promovidas pelo governo, com 27 textos (4% do total). Incluíram a suspensão de atividades e eventos e a inauguração de centrais de triagens para pacientes com suspeita.

Gráfico 3 – Produção noticiosa da imprensa sobre a pandemia de covid-19 em Alagoas por mês – TNH1, mar. 2020-mai. 2022



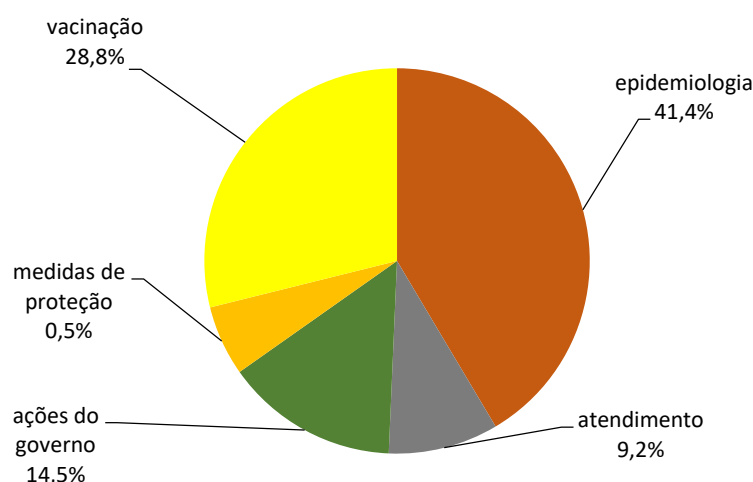
Fonte: O autor (2022)

Esse subgrupo também englobou a suspensão de atividades e eventos, a inauguração de centrais de triagens para pacientes com suspeita, a realização de reuniões de gabinete para definir os rumos do controle da epidemia no estado até a autorização para o plano de retomada das atividades no primeiro momento de flexibilização, no segundo semestre de 2020. Em seguida, as medidas de proteção foram foco da produção textual, com 16 comunicados produzidos (2,4%).

Examinando a cobertura do TNH1 no que diz respeito à epidemia no **Gráfico 3**, na página anterior, percebemos que ela apresentou um movimento diferente ao da Secretaria de Saúde de Alagoas. Entre os meses de março e agosto de 2020, houve uma fase inicial de declínio na produção noticiosa do portal de notícias, apesar do pico de textos registrado em abril (61 textos). Depois disso, o noticiário apresentou uma fase de alta, que vai de setembro de 2020 a junho de 2021, indicando uma nova tendência de queda a partir de julho de 2021 até abril de 2022. No mês seguinte, em maio, parecer haver um novo aumento, mas só poderia ser confirmado com a continuação da pesquisa para os meses seguintes.

Assim como na produção da Sesau, as divulgações de dados epidemiológicos com número de infecções e óbitos figuraram em primeiro ao longo dos meses, com 211 textos – 41,4% dentre os cinco primeiros assuntos de maior destaque (**Gráfico 4**).

Gráfico 4 – Repartição das principais abordagens a respeito da covid-19 na cobertura da imprensa (%) – TNH1, mar. 2020-mai.2022



Fonte: O autor (2021)

Depois, vieram os textos sobre vacinação, com 147 produções (28,8%), ações do governo, com 74 notícias (14,5%), atendimento, com 47 matérias (9,2%) e medidas de

proteção, com 30 notícias (0,5%). A partir dos dados produzidos pelo setor saúde e divulgados para a imprensa e a população, os relatos adquirem corpo no dimensionamento da situação da doença no espaço geográfico. Mesmo quando a matéria tem outro enfoque principal, os dados epidemiológicos costumam ser usados para dar sentido à situação da pandemia em curso.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES (POR ORA)

Com base no grande volume de informações veiculado sobre a covid-19, pudemos perceber que, a depender do contexto epidemiológico e dos interesses político-ideológicos, a doença pode adquirir maior ou menor representatividade na agenda das instituições midiáticas ou governamentais. Desde que a OMS declarou a situação de pandemia, nós nos deparamos com matérias praticamente todos os dias atualizando os dados sobre a doença, informando novidade e buscando enfoques diferenciados, algo que foi diminuindo depois que a covid-19 se tornou rotina na agenda.

Tanto para o gestor público quanto para os veículos de imprensa a divulgação de informações é importante para dimensionar a situação epidêmica. Os números absolutos e os percentuais adquirem um valor especial em contextos de crise sanitária para dar mais sentido à doença no território geográfico e na cobertura jornalística. Informar é uma forma de conscientizar as pessoas e poder minimizar possíveis impactos negativos. Ao anunciar o assunto, a imprensa e os governos se apoiam na referência a informações capazes de mensurar a saúde, tornando-as mais “palatáveis” na interpretação dos fatos.

Ao assumir o papel de mediador entre o real e o público, o jornalismo busca intermediários para entender o mundo e construir relatos. Não sendo produto de um conhecimento privilegiado apenas do saber médico-científico, a covid-19 está imiscuída de significados e valores. Tendo a doença significados particulares conforme a cultura de cada povo e cada época, analisá-la é se debruçar sobre o processo de construção sociocultural acerca do patológico, atravessado por lógicas e protocolos próprios.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS registra 273 casos e 5 mortes por covid. **G1 Alagoas**, Maceió, 20 jul. 2022. Alagoas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/07/20/alagoas-registra-273-casos-e-5-mortes-por-covid.ghm>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

- ALMEIDA, R. de Q.; COSTA, A. C.; MONTENEGRO, C. Consórcio de veículos na Covid-19: A imprensa brasileira contra o vírus da desinformação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020, Fortaleza. **Anais...** Brasília, DF: SBPJor, 2020.
- ASSIS, J. P. de; SOUSA, R. P. de; DIAS, C. T. dos S. **Glossário de estatística**. Mossoró, RN, 2019.
- BARBOSA, C. Quando as pandemias afetam a nossa percepção do tempo histórico. **Café História**. Brasília, 11 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/pandemias-e-experiencias-de-tempo-historico/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- BERTUCCI, L. M. **Influenza, a medicina enferma**: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CASERO-RIPOLLÉS, A. O impacto da covid-19 no jornalismo: um conjunto de transformações em cinco domínios. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, vol. 40, 2021, pp. 53-69.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FERRAZ, L. M. R. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 273-8, abr.-jun. 2020.
- _____. A epidemiologia na comunicação sobre a pandemia da covid-19. In: WESCHENFELDER, A.; FAUSTO NETO, A.; HEBERLÊ, A.; ARAÚJO, I. S. de; CORRÊA, L. G.; RUSSI, P. (Orgs.). **Pandemia e produção de sentidos**: relatos, diálogos e discursos. Campina Grande, Paraíba: Ciseco-EDUEPB, 2021, p. 295-313.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- _____. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **Covid-19 map**: Johns Hopkins Coronavirus Resource Center, 2021.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19**. Brasília: Departamento de Evidência e Inteligência para Ação em Saúde, 2020. (Página informativa n. 5).
- _____. **Comunicação de risco em emergências de saúde pública**: Um guia da OMS para políticas e práticas em comunicação de risco de emergência. Brasília, 2018.
- PAJUÇARA SISTEMA DE COMUNICAÇÃO. **Portal TNH1**. Maceió, 2022.
- SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, G.; SILVA, M. P. da; FERNANDES, M. L. (Orgs.). **Crítérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-69.
- SPINK, M. J. P. “Fique em casa”: a gestão de riscos em contextos de incerteza. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 32, 2020, pp. 1-19.
- TABAKMAN, R. **A saúde na mídia**: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos. São Paulo: Summus Editorial, 2013.